

PAUL FEYERABEND E A RACIONALIDADE CIENTÍFICA

Halina Macedo Leal

Universidade Federal de Santa Catarina

A análise da natureza e desenvolvimento do conhecimento científico apresenta como pano de fundo questionamentos sobre o conceito de racionalidade científica, na medida em que razões funcionam como suporte desse conhecimento.

É nesses termos que tal conceito, geralmente associado à atividade de uma faculdade cognitiva, a um tipo de comportamento ou a um valor, ocupa um espaço privilegiado em discussões de Filosofia e História das Ciências. Mas, o que envolve tal conceito? Em que perspectiva é possível afirmar ser a ciência racional? Ou: o que são as razões que sustentam e atribuem o *status* de científico a um determinado conhecimento?

Segundo Ian Hacking:

a racionalidade tem sido uma das duas questões que preocupam filósofos da ciência [a outra questão é a do realismo científico]. Nós perguntamos: O que nós realmente conhecemos? Em que nós deveríamos acreditar? O que são boas razões? A ciência é tão racional quanto as pessoas costumam pensar? Este discurso de razão é somente uma cortina de fumaça para tecnocratas? (Hacking, 1994, p. 1)
– tradução da autora.

Partindo do pressuposto de que a ciência representa um exercício de racionalidade, diferentes vertentes da Filosofia da Ciência, a partir da análise dos modos de proceder dos cientistas, dos conceitos utilizados por estes, da lógica empregada e das explicações oferecidas ao longo da história das ciências, têm fornecido diferentes respostas a esses questionamentos. As principais respostas, geradoras de discussões atuais nos âmbitos científico e filosófico, na linha anglo-saxônica, são as derivadas do Positivismo Lógico, de Karl Popper, Thomas Kuhn, Imre Lakatos e Paul Feyerabend.

Paul Karl Feyerabend ocupa uma posição peculiar nas discussões filosóficas sobre a ciência. Pois suas idéias sobre a conduta razoável dos cientistas operam na direção de elucidar e resolver a dificuldade da compatibilização de critérios ou

padrões permanentes e circunstâncias de aplicação variadas e variáveis, não de forma positiva, desenvolvendo uma teoria da racionalidade da ciência, mas através da negação de características atribuídas ao racional em sentido clássico. Nesses termos, o autor não defende explicitamente uma certa forma ou noção de racionalidade científica, mas desenvolve uma crítica ao racionalismo vigente.

Através dessa crítica, que se direciona principalmente às metodologias (traduzidas em termos de padrões racionais) positivista, popperiana e lakatosiana, Feyerabend procura mostrar que concepções de racional que propõem a imposição de regras universais na condução de pesquisas inibem a liberdade e criatividade humanas.

A argumentação crítica do autor não conduz à afirmação de que não há, de forma absoluta, racionalidade nos empreendimentos científicos, mas, antes, sugere uma nova reflexão acerca da abrangência e aplicabilidade do que pode vir a ser considerado racional.

Desse modo, é possível apreender uma certa noção de racionalidade científica na perspectiva feyerabendiana. Essa racionalidade molda-se no decorrer da obra de Feyerabend e vai tornando-se explícita a partir da primeira publicação do artigo *Contra o Método*,¹ apresentando-se de forma mais elaborada nas publicações posteriores² e escritos contemporâneos a esse texto.³

Nesse período, o autor analisa as relações entre princípios universais e contextualização de forma mais detalhada, permitindo que se depreenda de seu exame a defesa de uma contextualização do racional.

Feyerabend, através de sua crítica ao racionalismo, juntamente com sua proposta de reconstrução conceitual da ciência, «defende»⁴ um pluralismo metodológico no âmbito científico, apresentando-o como um «anarquismo epistemológico», sustentado pelo que ele denomina *Princípio de Proliferação* de idéias e teorias:

princípio de proliferação: inventar e elaborar teorias que são inconsistentes com o ponto de vista aceito, mesmo se este for altamente confirmado e geralmente aceito. *Qualquer metodologia que adota o princípio será chamada de metodologia pluralista (Feyerabend, 1981a, pp. 105-106) – grifo no original.*

Tal princípio conduz Feyerabend a afirmar o crescimento do conhecimento, na medida em que a proliferação significa a não necessidade de suprimir «nem o mais estranho produto do cérebro», ou seja, aquelas idéias que podem ser consideradas absurdas ou inúteis à aquisição do conhecimento científico, tais como as expressas na poesia, na música ou nos dogmas teológicos; o que, segundo o

autor, permite à ciência tornar-se mais humanitária, e ao indivíduo tornar-se mais livre quanto a suas idéias e valores científicos.

O «anarquismo epistemológico», alicerçado na proliferação, difere, segundo Feyerabend, do ceticismo e do anarquismo político (religioso), na medida em que o anarquista epistemológico não suspende o juízo do que quer que seja. Ele pode defender certa posição combatida pelo anarquista político ou religioso, não seguindo ou rejeitando permanentemente nenhuma instituição. Como afirma o autor:

O anarquismo epistemológico difere tanto do ceticismo quanto do anarquismo político (religioso). Enquanto o cético vê tudo como igualmente bom ou igualmente mau ou desiste completamente de formular juízos dessa espécie, o anarquista epistemológico não sente escrúpulo em defender o mais banal ou mais afrontoso enunciado. Enquanto o anarquista político ou religioso pretende afastar certa forma de vida, o anarquista epistemológico desejará, talvez, defendê-la, pois não tem lealdade permanente para com qualquer instituição, nem permanente aversão contra ela (Feyerabend, 1977, pp. 292-293).

Assim, pode-se dizer que o «anarquismo» então defendido não implica a aversão à toda e qualquer metodologia, mas a aversão ao estabelecimento de um conjunto fixo, único e universal de regras aplicável a todo e qualquer contexto e que tenha por pretensão demarcar o «científico».

É desse modo que o «anarquismo epistemológico» emerge de uma crítica ao «racionalismo», enquanto este último é entendido em termos de obediência a padrões fixos, traduzidos em algo como o método da ciência. Tal «racionalismo», segundo Feyerabend, é representado principalmente pelos positivistas, por Karl Popper (racionalismo crítico) e por Imre Lakatos na sua «proposta racionalista». A conduta racional então atacada pelo autor pode ser expressa como a submissão a princípios orientadores de uma pesquisa que, segundo ele, são caracterizados pelas seguintes regras:

- 1) Só aceitar hipóteses que se ajustem a teorias confirmadas ou corroboradas;
- 2) Eliminar hipóteses que não se ajustem a fatos bem estabelecidos; regras que, para Feyerabend, exprimem a visão empirista e indutivista.

A atitude do autor é, assim, primeiramente, mostrar a irracionalidade do «racionalismo», quando entendido dentro de seus próprios pressupostos; e, num segundo momento, mostrar a razoabilidade dessa aparente irracionalidade.

No primeiro movimento, Feyerabend mostra que a regra 1) não se sustenta, na medida em que não há separação entre:

- a) contexto de descoberta / contexto de justificação, pois as condições psicológicas, sociais, políticas, colocadas no âmbito da descoberta, muitas vezes são o que permite a sobrevivência da ciência, se mostrando, não como simples condições externas ao científico, mas como alternativas de justificação científica;
- b) prescrições metodológicas / descrições históricas, no sentido de que as prescrições são «aplicadas» em determinadas condições históricas e as descrições são orientadas por prescrições; (c) teoria / observação, na medida em que não há observação genuína, pois não existe experiência autônoma a ser acessada, mas a constante interação de termos teóricos e observacionais dentro de um contexto histórico; o que é reconhecido até mesmo pelos «racionalistas» – Popper e Lakatos. (Feyerabend 1977)

A regra 2), por sua vez, eliminaria toda teoria, pois não há uma só teoria que concorde quantitativa e qualitativamente com todos os fatos de seu domínio. Assim, o único procedimento possível dentro do «racionalismo» seria agir de forma «irracional», ou seja, violar constantemente as regras que tornariam, nessa perspectiva, a ciência «racional». A argumentação do autor se baseia em exemplos da história da física, onde ele mostra, não só que foi impossível sustentar tais regras, mas que o procedimento oposto às mesmas foi o que permitiu o progresso da ciência. (Feyerabend, 1977)

É nesse momento que Feyerabend passa da apresentação do que seria «irracionalidade», segundo o «racionalismo», para a apresentação da razoabilidade, não exclusiva, dessa «irracionalidade». Essa «irracionalidade» é, então, caracterizada pelas seguintes *contra-regras* (opostas às regras do «racionalismo»):

- 1) introduzir hipóteses que não se ajustam a teorias aceitas e confirmadas;
- 2) introduzir hipóteses que não se ajustam a fatos bem estabelecidos; regras que expressam o que o autor chama de contra-indução, que consolidam o *Princípio de Proliferação* proferido pelo autor e, conseqüentemente, o «anarquismo epistemológico».

A contra-indução assim entendida se apresenta como razoável na medida em que as contra-regras que a caracterizam aparecem como necessárias à observação dos fenômenos e discussão crítica pretendidas pelo «racionalismo»; o que é confirmado por um exame histórico da prática científica.

Em última análise, Feyerabend procura mostrar a violação de regras fixas como algo necessário para o desenvolvimento da ciência:

A idéia de que a ciência pode e deve ser elaborada com a obediência a regras fixas

e universais é, a um tempo, quimérica e perniciosa. É quimérica pois implica visão demasiado simplista das capacidades do homem e das circunstâncias que lhes estimulam ou provocam o desenvolvimento. E é perniciosa porque a tentativa de emprestar vigência às regras conduz a acentuar nossas qualificações profissionais em detrimento de nossa humanidade (Feyerabend, 1977, p. 449) – grifo no original.

É nesse contexto que o autor afirma que um período onde há um grande número de idéias, de teorias sendo discutidas, de violação do que fora até então imposto, é um período em que há maior possibilidade de progresso no conhecimento. A crítica de Feyerabend ao «racionalismo» não envolve a recusa de todo princípio, de todas as regras e critérios na orientação de uma pesquisa, mas a recusa de um princípio absoluto que oriente todas as pesquisas. Essa crítica não tem por objetivo a derrubada do «padrão racionalista», para o estabelecimento de um outro «padrão racional». O que o autor pretende mostrar é que todas as metodologias têm limitações, no sentido de que não é racional privilegiar um conjunto único, fixo e universal de regras científicas, pois essas regras, em algum momento, têm de ser violadas. Diz ele:

Minha intenção não é a de substituir um conjunto de regras por outro conjunto do mesmo tipo: meu objetivo é, antes, o de convencer o leitor de que todas as metodologias, inclusive as mais óbvias, têm limitações (Feyerabend, 1993, p. 23) – tradução da autora.

A atitude de Feyerabend não implica a negação irrestrita de todo e qualquer princípio metodológico, o que, segundo ele, seria um «anarquismo ingênuo»:

Um anarquista ingênuo diz a) que tanto as regras absolutas quanto as dependentes do contexto têm seus limites e conclui b) que todas as regras e critérios são inúteis e devem ser postos de lado. A maior parte dos comentadores considera-me um anarquista ingênuo neste sentido, esquecendo as numerosas passagens onde mostro que certos procedimentos ajudaram os cientistas na sua investigação.[...] embora concorde com a), não concordo com b). Sustento que todas as regras têm seus limites e que não existe uma «racionalidade» englobante. Não sustento que devemos proceder sem regras nem critérios (Feyerabend, 1993, p. 231) - grifo no original; tradução da autora.

Vine Deloria, no seu artigo «Percepções e Maturidade»⁵ referindo-se ao «anarquismo» proposto por Feyerabend, afirma:

O verdadeiro anarquismo é o caos de idéias que deve competir contra cada outra sem ter um contexto no qual relações possam ser estabelecidas entre elas. Feyerabend não gosta deste tipo de anarquismo; ele deseja quebrar a força opressora da doutrina e de resultados pré-concebidos que caracterizam a ciência ocidental.

É nesse âmbito que se torna possível depreender, da epistemologia de Feyerabend, uma certa «racionalidade». O autor não se apresenta como contrário a qualquer tipo de atitude racional, mas contrário ao «racionalismo» que inibe a imaginação, criatividade, emotividade e individualidade humanas; inibição que, segundo ele, restringe a liberdade do indivíduo, na medida em que este tende a deixar de lado suas idéias individuais, suas escolhas alternativas, para seguir o padrão imposto por um método único.

Nesse sentido, não deixa Feyerabend margem para se pensar uma «nova racionalidade»? Mas, que «racionalidade»?

Da postura então assumida pelo autor, é possível falar, não de «a» racionalidade, entendida nos termos de um padrão universal, mas de «racionalidades». Ao comentar Feyerabend, Ian Hacking afirma:

não há cânone de racionalidade, nenhuma classe privilegiada de boas razões, e nenhuma ciência ou paradigma preferível por uma imposição da mente. Essas injunções morais decorrem, em parte, de uma concepção de natureza humana. Os racionalistas tentam sistematicamente constranger o livre espírito da mente humana. Há muitas racionalidades, muitos estilos de razão, e, também, muitos modos de vida bons, onde nada vale mais por ser chamado matéria da razão. Por outro lado, Feyerabend não impede o uso de qualquer estilo de razão e ele, certamente, tem seu próprio (Hacking, 1994, p. 14) – grifo e tradução da autora.

É possível, assim, afirmar uma contextualização do «racional», na proposta de Feyerabend – uma *racionalidade contextualizada*.

A *racionalidade contextualizada* se expressaria numa interação «Razão/Prática», ou seja, se revelaria no contexto prático científico, sofrendo influências deste e, ao mesmo tempo, o influenciando. Diz Feyerabend:

O interacionismo [posição de Feyerabend] sustenta que a Razão e a Prática

intervêm na história igualmente. A Razão já não é um agente que dirige as outras tradições, mas é uma tradição por direito próprio, com tanto (ou tão pouco) direito a ocupar o centro de cena como qualquer outra tradição (Feyerabend, 1982, p. 3) – tradução da autora.

As interações [entre prática e razão] e seus resultados dependem das condições históricas e variam de um caso a outro (Feyerabend, 1982, p. 13) – tradução da autora.

Assim, a *racionalidade contextualizada* se formaria e aperfeiçoaria numa interação histórica, fornecendo explicações baseadas em «razões» aceitas ao tempo de sua ocorrência.

Essa «racionalidade» captaria elementos da experiência e os manipularia de acordo com o contexto a ser trabalhado; numa argumentação, permitiria a realização de um processo comparativo de visões, de teorias, de idéias, no sentido de que trabalharia no contexto da proliferação.

A *racionalidade contextualizada* segundo Feyerabend não conduziria, contudo, a um «racional fragmentado», mas seria uma racionalidade que vincularia os diversos contextos científicos, possibilitando o avanço do conhecimento.

Essa racionalidade trabalharia com um modelo lógico-conceitual refletido num determinado enfoque histórico-contextual; levaria à aquisição do conhecimento, não no sentido de um conhecimento científico acumulado pela sua obtenção através de um método único para vários contextos cognitivos, mas no sentido de um conhecimento que variaria e se modificaria de acordo com o contexto de teorização, de análise e de pesquisa em que fosse inserido.

O «racional» expressaria-se numa atividade com adequação teórico-fatual, não no sentido simples de comparação de uma teoria com uma experiência, mas no sentido de permitir procedimentos cognitivos que comparariam teorias entre si, experiências entre si e, também, teorias e experiências entre si; não havendo, nesses termos, a delimitação clara entre teórico e observacional.⁶

As «razões» lógicas e empíricas seriam consideradas, segundo Feyerabend, no âmbito próprio das diferentes situações científicas, não sendo as únicas relevantes para o progresso científico; o que sugere uma nova interpretação do que sejam «boas razões», numa interação direta com a «subjetividade» do indivíduo. Diz ele:

É claro que a adesão às novas idéias terá de ser conseguida por meios irracionais, como a propaganda, a emoção, as hipóteses ad hoc e os preconceitos de toda espécie. Tornam-se necessários esses «meios irracionais» para dar apoio àquilo que não passa de fé cega, até que disponhamos das ciências auxiliares, de fatos,

de argumentos que transformem a fé em «conhecimento» bem fundado (Feyerabend 1993, p.114) – grifo no original; tradução da autora.

A racionalidade científica, nessa perspectiva, faria crescer, assim, a humanidade, as aptidões e a consciência individuais, bem como a qualidade das instituições, na medida em que não imporia, *a priori*, princípios determinantes e demarcadores de idéias a serem exploradas e consideradas relevantes à ciência. Para Feyerabend:

o desenvolvimento da ciência, sua relação com as condições externas, sejam idéias ou circunstâncias materiais, tais como as exigências de guerra, só podem ser determinadas de uma forma prática. [...] todo intento de generalizar essa descrição e convertê-la numa teoria da mudança científica deve fracassar. Por quê? Porque o resultado de condições que são em parte objetivas (por exemplo, propriedades dos materiais), também contém um amplo componente subjetivo. [...] Ambas condições podem permanecer estáveis durante grandes períodos de tempo, mas a estabilidade das relações abstratas causadas por isso não mostram que encontramos por fim a natureza da Razão Científica: só mostra que o espírito do mundo as vezes dorme (Feyerabend, 1984, pp.71-72) – grifo no original; tradução da autora.

Nesse âmbito, pode-se interpretar a epistemologia de Feyerabend como oferecendo uma nova abordagem com respeito à questão da racionalidade científica. Essa nova abordagem leva a repensar os limites entre «racional» e «não-racional», contribuindo significativamente para uma nova compreensão desse conceito, pressuposto de qualquer discussão científica e objeto de análise da Filosofia e História da Ciência.

Referências bibliográficas

- Agassi, J. & I. Jarvie (1987), *Rationality: The Critical View*, Dordrecht/Boston/Lancaster: Martinus Nijhoff Publishers.
- Ayer, A. (1969), *El Positivismo Lógico*, México: Fondo de Cultura Económica.
- Brown, H. (1990), *Rationality*, London/New York: Routledge.
- Cupani, A. (1999), «Julgamento Científico e Racionalidade», in Dutra, L.H. (org.), *Rumos da Epistemologia*, Florianópolis: Núcleo de Epistemologia e Lógica, UFSC, pp. 139-159.
- _____. (1990), «Por que não Feyerabend?», *Reflexão*, Campinas: PUCAMP, 47, pp. 115-121.
- Feyerabend, P. (1979), «Consolando o especialista», in Lakatos, I. & A. Musgrave (orgs.), *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*, São Paulo: Editora Cultrix/ Editora da Universidade de São Paulo.
- _____. (1974), *Contra el Método*, Barcelona: Editorial Ariel.

- _____ (1977), *Contra o Método*, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora.
- _____ (1982), *La ciencia en una sociedad libre*. Madrid: Siglo Veintiuno de España.
- _____ (1984), *Adiós a la Razón*, Madrid: Tecnos.
- _____ (1991), *Adeus à Razão*, Lisboa: Edições 70.
- _____ (1993), *Against Method*, 3rd edition, London: Verso.
- Hacking, I. (1994), *Representing and Intervening*, New York: Cambridge University Press.
- Leal, H. & A.C. Regner (1997), «Racionalidade: uma discussão lateral com Timothy Lenoir.» *Episteme* 2 (4) pp.127-134.
- Munévar, G. (ed.) (1991), *Beyond Reason: Essays on the Philosophy of Paul Feyerabend*, Dordrecht/ Boston/London: Kluwer Academic Publishers.
- Newton-Smith, W.H. (1994), *The Rationality of Science*, London and New York: Routledge.
- Preston, J.M. (1997), *Feyerabend: Philosophy, Science and Society*, Cambridge: Polity Press.
- Regner, A.C. (1994), «Feyerabend / Lakatos: 'adeus à razão' ou construção de uma nova racionalidade?», in Portocarrero, V. (org.), *Filosofia, História e Sociologia das Ciências: abordagens contemporâneas*, Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, pp.103-131.
- _____ (1996), «Feyerabend e o pluralismo metodológico», *Episteme* 1 (2), pp.161-178.

Notas

- ¹ In *Minnesota Studies* (1970).
- ² Principalmente, na terceira, e última, edição de *Contra o Método* datada de 1993.
- ³ Como, por exemplo, os textos *A Ciência numa Sociedade Livre* e *Adeus à Razão*.
- ⁴ A rigor, Feyerabend não defende, em sentido convencional, qualquer posição. O seu estilo argumentativo é notoriamente *sui generis*, sobretudo a partir de *Contra o Método*. Caracterizar sua maneira de «defender» suas propostas é parte deste trabalho.
- ⁵ In Munévar (1991) pp. 400-401 – tradução da autora.
- ⁶ Feyerabend rejeita a distinção entre termos teóricos e observacionais, como já foi mencionado.